
Horizonte Discreto por Marcio Harum

Dentro de uma caixa móvel, construída em madeira clara e acrílico transparente dobrado, acondicionada num estojo de descanso de espuma recortada, está a máquina de desenhar de Luciana Ohira e Sergio Bonilha.

A maleta transportável - que confere o status de "hardware" a seu mais recente projeto artístico - marca presença também nesta exposição como uma seta simbólica dos artistas-viajantes para suas participações em exposições coletivas e individuais no Brasil e exterior. Como um relógio de parede aberto - com pequenos contrapesos torneados mecanicamente em bronze - entreolhamos um motorzinho à corda que faz a máquina de desenho funcionar.

Aparelho de conservação museológica que controla graficamente a umidade e a temperatura - destes que se vê corriqueiramente em cantos de sala de exposição - um entintado 'termohigrógrafo' faz analogicamente as vezes da mão do artista desenhando direto sobre a parede.

Tal resultado na formação de linhas excelsas - que se entrecruzam de acordo com a oscilação ambiental gerada por um sistema mecânico simples - exige calibração precisa para que a máquina não pare e continue desenhando como objeto portátil atrelado à paisagem de si mesma.

Ao tornar público os croquis e as provas de design de "horizonte discreto" na primeira exposição da Temporada de Projetos 2009 do Paço das Artes, Ohira e Bonilha abrem uma clareira ao compartilhar suas descobertas empíricas com o visitante. A bússola com a qual desejam nos orientar em relação à sua obra talvez seja a de uma busca valente por outros caminhos em meio à erosão do mundo: a uma direção descomplicada e sem melindres, onde materiais aparentemente obsoletos - como uma placa espiral de bimetal - possam ser transformados em um termômetro ou um super ímã que experimentalmente trabalhe com força de um motor magnético que atice a invenção comum dos referidos artistas.

Olhando para a parede esperamos morosamente a aparição do desenho. Ao longo da lógica do realismo capitalista, o trabalho desta dupla tem o mérito de afastar-nos dos clichês da cultura de consumo rápido. O tempo difere do que é desenhado com as mãos.

Mas talvez possa se acelerar de repente à mercê da temperatura do vento e da água no entorno. O "horizonte discreto" é criado sob os efeitos de erro e acerto da ocupação física da máquina como passatempo.

“Energia viva, o pensamento desloca, em torno de nós, forças sutis, construindo paisagens ou formas, e criando centros magnéticos ou ondas, com os quais emitimos a nossa atuação ou recebemos a atuação dos outros.” Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier.

Antes de mais nada, um breve histórico desta antiga chácara onde agora funciona o Gabinete do Desenho. Constituída no final do século XIX pelo missionário presbiteriano norte-americano George Chamberlain participou no processo de fundação da Escola Americana (precursora da atual Universidade Presbiteriana Mackenzie), sendo logo após a morte do Reverendo George adquirida pelo Dr. Lauriston Job Lane, que nela residiu e manteve seu consultório médico até o fim da vida. Nos anos 1940, tomada como interesse público, a chácara foi comprada pela prefeitura de São Paulo, que a desmembrou para estabelecimento da Escola Municipal de Educação Infantil Gabriel Prestes e cedeu em comodato o restante de seu terreno para uso da Universidade Presbiteriana. A casa principal, antes de seu fechamento para restauro em 2008, abrigou instituições várias: Cruz Vermelha Brasileira, Escola de Engenharia do Mackenzie, Arquivo Histórico Municipal e a seção circulante da Biblioteca Mario de Andrade. Nesse mais de um século de existência, a chácara assistiu a grandes alterações na cidade e também modificou-se gradualmente, todavia, mantendo-se mais ou menos inalterada em sua casa principal desde o início dos anos 1900.

“A intervenção dos espíritos no mundo corporal”

O corpo de trabalho apresentado pela dupla Ohira e Bonilha na Chácara Lane é formado por três projetos específicos pensados para o contexto. A convite do Centro Cultural São Paulo, ocuparam desta vez o espaço que não é o da instituição. Não há na escolha um mero acaso, as forças que emanam da própria chácara parecem ter ajudado nesta decisão: os projetos recentes da dupla observam fenômenos espirituais e forças não terrenas.

“O cavalo como receptor e difusor do espírito”

O corpo é matéria. A matéria tem sua densidade diferente do espírito. Já os espíritos habitam os lugares e por motivos diversos se encontram ainda entre nossos pares. Câmeras de circuito fechado são usadas para monitorar os acontecimentos de um local, algumas com HD que guardam horas e horas de programação obsoleta e outras para que exista a multiplicação do olho de um funcionário em mais de um espaço. “c.c.t.v. - central de consulta e tratamento volátil” (em referência ao termo ‘closed circuit television’) é configurado por três câmeras e microfones acoplados a três comedouros que ficam na parte externa da casa. Diferente da função de proteger e controlar, aqui a função é a de aproximar as espécies. Da impossibilidade de conviverem juntas – por instinto de sobrevivência – os pássaros comem de um lado e sua imagem/ação é transmitida a uma outra parte, como uma extensão/afeto, os televisores são como o afago difícil de se conquistar, a aproximação da natureza artificializada pelo meio. Os pássaros têm muito o que falar, mantenham-se atentos para entender as nuances da linguagem.

“É no espírito que está a memória e não no perispírito”

“mêmore” é formado por impressos de livre distribuição contendo transcrição de consulta com a vidente Regina Giovanetti sobre a Chácara Lane e por monitores LCD que são modificados e colocados nas janelas do espaço, busca-se evidenciar diferentes formas da memória enquanto elemento fundamental à criação e/ou perpetuação do presente. A dupla retira a película que torna a imagem visível e a coloca a uma certa distância em um ponto específico de visão – o mesmo ponto onde foi gravada a cena que é exibida em cada monitor: no piso térreo as crianças chegam para a aula na escola infantil vizinha e no piso superior o fluxo de carros sobe e desce a Rua da Consolação, sem contar nas coisas que não são possíveis de serem captadas pela câmera e que possivelmente exis-

tem noutros planos. Mesmo que as crianças e motoristas não saibam da existência de uma câmera, seus gestos continuam normativos e seguem um modelo social já instituído. A transcrição da consulta, contendo dados de um universo acessado por meio da vidência, registra aquilo que acontece de modo invisível à maioria de nós; convertida em palavras, a visão da médium produz outras tantas visões na imaginação do(s) leitor(es).

“Um retorno ao corpo”

Em “o camelo e a agulha”, a dupla realiza um sudário da janela lateral da casa, antes fechada e esquecida, agora retorna na qualidade de imagem (um cianótipo emoldurado em escala 1:1). Entretanto, se observamos o conjunto a partir da câmera obscura estrategicamente posicionada no jardim da casa (segunda parte dessa discreta intervenção) temos sensação de ver uma janela de fato, tal como seria no passado, integrada à fachada e até mesmo iluminada. Segundo relata a dupla, ao fazer referência à passagem bíblica presente em Mateus (“pois mais fácil é passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus”) o que se busca é embaralhar o dualismo produzido pela separação entre corpo e alma, daí a combinação das técnicas do fotograma e do ‘pinhole’ (buraco de agulha), da fixação de imagens e da projeção em tempo real na câmara obscura.

Os trabalhos da dupla nesta atual configuração da chácara buscam o externo. Não se contentam em estar apenas dentro, mas circundam a chácara protegendo-a de algo. Estando dentro esperam algo vindo de fora, estando fora esperam algo vindo de outro lugar: da rua, dos vizinhos, dos espíritos e dos céus. A vidente consultada fala de um certo benfeitor invisível a habitar a chácara, segundo diz, o próprio Lane. Se assim for, além de muitas moradas, é possível que haja também muitos moradores na casa de nosso(s) pai(s).

Texto de Renan Araujo para a exposição “Mêmore” - Gabinete do Desenho no CCSP - Centro Cultural São Paulo, Brasil em dezembro de 2013.

Um só céu por Luisa Duarte

“A estória é sobre um pássaro, e se passa numa época antes que o mundo existisse. Pássaros voavam em círculos no céu. Círculos. Círculos. E não paravam de voar porque não existia terra, somente o céu, e eles não paravam de voar. Até que o pai de um dos pássaros morreu. E isso se tornou um grande problema - o que deveria fazer com o corpo? Porque, antes do mundo existir, não havia terra, só o céu. E os pássaros pensaram no que fariam, enquanto voavam. Em círculos. E voaram por dias até que o pássaro finalmente teve uma idéia. Ele decidiu enterrar o seu pai na parte de trás da sua cabeça. Este foi o início da memória.” Laurie Anderson

Nesse belo início de uma longa história, o movimento circular é diretamente associado ao esquecimento, o gesto de seguir em frente e não reter o que passa. O fluxo contínuo que não dá margem para a pausa, na qual a memória entraria em cena, nos retirando do presente e nos levando para o passado. A obra *Olvido*, da dupla Sergio Bonilha e Luciana Ohira, possui a dinâmica dos pássaros que viviam antes que o mundo existisse. O título do trabalho remete ao verbo *olvidar*, cujo significado é esquecer. No aparelho criado pelos artistas, um disco de cera gira infinitamente, acoplado a uma membrana de gravação e uma tuba de reprodução. A membrana grava o som ambiente, a tuba o reproduz e logo em seguida o som é apagado. Um sistema que gera calor derrete a cera do disco, fazendo desaparecer o som ali impresso. Uma nova gravação é feita, uma nova reprodução surge, um outro apagamento se dá, e assim sucessivamente, num movimento contínuo que desconhece a memória.

O movimento e o ambiente da exposição também se fazem presentes em *Horizonte Discreto*. Bonilha e Ohira construíram aqui um aparelho para medir temperatura e umidade do ar. Uma versão low tech de uma tecnologia usada em museus com destino à climatização do espaço. A obra da dupla se encontra numa parede, correndo numa estrutura que o faz ir e vir, registrando as variações de temperatura e umidade, formando um longo desenho que remete a uma paisagem com relevos e planícies. É graças à ausência de um sistema de climatização no espaço do CCSP no qual os artistas expõem que o trabalho tem razão de existir. A remissão à paisagem só se dá por haver mudanças no registro do aparelho, caso o ar estivesse climatizado veríamos tão somente uma linha reta.

A origem dos dois trabalhos está naquilo que é coadjuvante para o público, os ruídos, a temperatura, a umidade que permeiam o CCSP, são eles que doam corpo às obras, que por sua vez retêm a nossa atenção e se tornam protagonistas graças a esses elementos fugidios. Se em *Olvido* as mudanças no ambiente geravam sons, em *Horizonte Discreto* geram desenhos. Mas, claramente, o interesse da dupla, e o que mais sobressai no trabalho, é antes o processo e o desvelamento dele para o público, do que o resultado em si – o som projetado ou o desenho construído.

Por fim, há *O Mundo Não Tem Lado*, uma traquitana também construída pelos artistas, com material de origem chinesa, na qual vemos, num pequeno monitor, imagens de um céu aonde as nuvens mudam de lugar constantemente, nos fazendo perder a noção do que está acima, do que está abaixo. O vídeo foi realizado por Bonilha e Ohira num vôo sobre a China. Na estada no país, os artistas notaram diversos mapas que traziam a China no centro da Terra. Sabemos que o país cultiva um forte sentido de patriotismo, assim como os EUA, e que, até hoje, possui fortes traços ditatoriais. *O Mundo Não Tem Lado* quer lembrar, de maneira singela, a ausência de fronteiras que caracteriza a natureza e que, se desdobra para o espírito da vida em sociedade, pode legar, quem sabe, um mundo mais solidário. O céu, no qual os pássaros voavam contemplados pelo esquecimento, está em toda parte.